

Excelências,

Sr^a Embaixadora, Srs Embaixadores,

Distintos convidados,

Caras companheiras.

Permitam-me, antes de mais, saudar a todas e todos os presentes e agradecer por terem aceite o nosso convite e nos honrado com a vossa presença neste singelo ato de comemoração do dia internacional da mulher.

Quero, em especial, saudar calorosamente as mulheres presentes neste auditório pelo dia de hoje, na certeza de que, juntas e solidárias, podemos construir um mundo melhor.

Excelências,

Senhoras e Senhores.

Comemora-se hoje o dia internacionalmente consagrado à luta da mulher por uma vida mais digna e sociedades mais justas e igualitárias.

Com a comemoração deste dia queremos, não só, prestar uma justa homenagem àquelas mulheres que, nos vários momentos da história da humanidade, resistiram, com determinação, ao machismo e à discriminação, mas também, chamar a atenção para a situação da mulher e os preconceitos de género ainda prevalecentes na sociedade atual.

Não restam dúvidas que nesta luta secular que a Mulher vem travando, o balanço é positivo, se tivermos em conta a conquista dos direitos civis, constitucionalmente consagrados em vários países.

A mulher saiu do isolamento doméstico, entrou massivamente no mercado de trabalho; está presente em todos os sectores de atividade, incluindo aqueles, outrora, considerados exclusivamente masculinos.

Ela vem desempenhando um papel cada vez mais activo na sociedade, assumindo diversas responsabilidades, quer ao nível de órgãos de soberania ou partidários, nas diferentes estruturas intermédias do poder ou ainda como empresárias e líderes de ONG's.

Uma grande parte de mulheres conquistou a autonomia financeira. O seu rendimento, quando não é o único, é no mínimo indispensável para o sustento da família.

Porém, apesar dessas conquistas, o desafio da promoção da igualdade e equidade de género mantém-se. Se, nos nossos dias, perante a lei da maioria dos países, não existe qualquer diferença entre um homem e uma mulher, a prática, porém, demonstra que ainda persistem muitos preconceitos em relação ao papel da mulher na sociedade.

Desde logo o facto de a mulher ganhar, em média, pouco mais de metade do salário dos homens, apesar de em geral trabalharem mais horas (Estes são dados do relatório do Fórum Económico Mundial divulgado ontem).

Apesar de a mulher acumular cada vez mais funções dentro e fora da família e assumir uma multiplicidade de afazeres, muitas continuam a educar os filhos sozinhas, ao mesmo tempo que enfrentam os desafios da sua profissionalização.

A questão da sub-representação das mulheres nos órgãos de decisão política tem ecoado pouco nos círculos do poder. O número de mulheres em postos de responsabilidade mantém-se baixo. Apenas quatro países em todo o mundo têm o mesmo número de homens e mulheres a exercerem a função de deputados, funcionários de alto nível e diretores, apesar de 95 países terem atualmente tantas mulheres como homens com formação universitária (diz ainda o relatório do Fórum Económico Global).

Em várias partes do globo o fenômeno da violência física, psicológica e sexual contra a mulher, o analfabetismo, a mutilação genital, o tráfico de seres humanos, os casamentos forçados e a gravidez na adolescência continuam a martirizar a vida de muitas mulheres, muitas vezes, perante o silêncio e o olhar cúmplice da sociedade que parece não se incomodar ou não se preocupar com o efeito multiplicador deste fenômeno em sucessivas gerações de homens e mulheres.

É inquietante que, em pleno século XXI, a humanidade ainda não se tenha apercebido que a discriminação e o preconceito em relação à mulher impedem o aproveitamento e o desenvolvimento integral das suas potencialidades, em prejuízo de toda a sociedade e que só com a participação equitativa de homens e mulheres podemos construir um mundo melhor.

A humanidade beneficiou, no passado, da determinação da mulher no combate à subjugação e na conquista de direitos civis. Acreditamos que, hoje, a luta da mulher é pelo reconhecimento da importância de relações mais equilibradas na família e na sociedade, onde haja espaço e poder para homens e mulheres.

Não se trata, pura e simplesmente, de a mulher passar a ocupar o lugar do homem ou este passar a exercer as funções antes reservadas à mulher, mas sim de propiciar uma mudança que traga maior equilíbrio, tendo em vista a cooperação e o respeito mútuos.

Mas a mulher também precisa de mudar o conceito que tem de si mesma. Precisa de se libertar dos estereótipos culturais preconceituosos que lhe foram inculcados pela sociedade. A mulher precisa entender que tem de se respeitar e se valorizar para ser respeitada e valorizada; que ela pode cooperar e servir sem ser servil ou submissa e pode conquistar com esforço próprio.

Excelências,

Senhoras e Senhores,

Nos países membros da CPLP a situação da mulher não é diferente.

Apesar de uma maior compreensão por parte dos homens em relação ao novo estatuto da mulher na sociedade, esta continua a sofrer consequências de velhos preconceitos que, ainda de forma velada, limitam o pleno desenvolvimento do seu potencial.

Por esta razão, ao nível da CPLP, a Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres tem vindo a afirmar-se enquanto temática transversal e fundamental para promover o desenvolvimento sustentável e, constitui, por conseguinte, um espaço para o aprofundamento da nossa cooperação.

Em 2010 foi aprovado o Plano Estratégico para a Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres na CPLP, que estabelece as diretrizes para a nossa atuação conjunta, dentre as quais destaco duas:

- a) Promover a coesão social e o crescimento económico sustentável através da redução do abandono e insucesso escolar e do aumento da escolarização entre a população feminina, e;
- b) Promover o aumento da empregabilidade das jovens mulheres.

Trata-se, indubitavelmente, de um desafio aliciante num espaço composto por nove Estados, espalhados por quatro continentes, com especificidades e contextos distintos nos respetivos processos de desenvolvimento.

Ao adotar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda das Nações Unidas, a CPLP destaca a importância da identificação e

da promoção de políticas de promoção da igualdade de género que contemplem todas as fases da vida, desde o acesso à educação, à empregabilidade e à conciliação entre a vida profissional e familiar, na certeza de que só assim estaremos a contribuir para sociedades mais equitativas, inclusivas e coesas, o que fortalecerá a CPLP enquanto comunidade de Povos.

Excelências,

Senhoras e Senhores

A escolha do tema «A migração feminina na CPLP: das oportunidades às concretizações – Discursos na primeira pessoa» não foi por acaso.

De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP), as mulheres e as jovens raparigas representam cerca de metade dos 214 milhões de pessoas que são obrigadas a abandonar os seus lugares de origem no mundo. Muitas mulheres emigram por sua conta, enquanto chefes de família, para garantir o seu sustento; outras abandonam as suas casas em busca de sociedades mais abertas, para escapar de um mau casamento ou fugir das mais diversas formas de discriminação e violência de género, conflitos políticos e limitadores culturais.

No espaço da CPLP a migração feminina é uma realidade crescente. Assiste-se, cada vez mais, a um aumento do número de mulheres que emigram em busca de melhores oportunidades de vida. Contudo, trata-se ainda de uma temática sensível pela complexidade dos desafios que comporta, particularmente para a mulher migrante mas também para a sociedade que a recebe.

Ao migrarem, as mulheres tornam-se muito mais vulneráveis. A discriminação, a precariedade laboral, a sobrecarga do horário laboral, para citar apenas alguns, constituem aspetos desafiantes

para uma integração bem sucedida da mulher nos países que as recebem. Todos conhecemos a luta titânica que muitas mulheres imigrantes travam diariamente, para dar uma alimentação e educação condignas aos seus filhos, muitas vezes, sem o apoio do companheiro/ pai dos filhos.

Noutro prisma, não podemos ignorar a relevância da participação das mulheres migrantes no processo de desenvolvimento das sociedades que as recebem, sem nunca esquecer os respetivos países de origem, para os quais o seu contributo será sempre fundamental.

Pelas razões vindas de referir, consideramos oportuno destacar neste evento trajetórias profissionais, sociais e pessoais femininas inspiradoras, que ocorrem em contextos migratórios (socioeconómicos e culturais) específicos, pautados por representações sociais dos papéis que a mulher deve desempenhar na sociedade.

Essas experiências ensinam-nos que, apesar das dificuldades, a mulher consegue vencer. E o caminho para a vitória passa pela educação, pela perseverança e autoestima.

Ouvir essas experiências pode encorajar outras mulheres, sobretudo as jovens mulheresgerações. Pois, parafraseando a escritora e educadora Hellen Keller "nunca se deve engatinhar quando se tem o impulso de voar."

As mulheres são a maior força emergente no mundo, e nós, as mulheres da CPLP, podemos contribuir, de forma decisiva, para que essa força se amplie e se torne cada vez mais presente.

Ao terminar, quero associar-me ao Secretário Geral da Nações Unidas e apelar os homens e as mulheres a apoiarem a igualdade de género em todas as partes do globo.

A nossa luta continua!

Muito obrigada e um bem haja a todos e a todas.